

INFLUÊNCIAS MUÇULMANAS
NO NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

O contraste entre uma parte da Península Ibérica, fortemente arabizada, e a outra parte, que escapou à influência muçulmana, tem sido várias vezes posto em relevo. Este contraste resulta tanto de vicissitudes da Reconquista, muito rápida até ao Douro e progredindo facilmente até à Cordilheira Central, enquanto o recuo da estrema entre Cristãos e Mouros se fez mais lentamente daí para o sul, como em condições naturais, mais favoráveis aos géneros de vida correntes entre as populações muçulmanas nas planuras agro-pastoris, nas vastas charnecas e nas veigas irrigadas das regiões meridionais. Um minucioso estudo de nomes de lugar relativos ao Norte de Portugal e ao reino de Leão ⁽¹⁾ vem mostrar uma verdadeira «osmose» entre as duas civilizações pelas quais se repartia a Península: ao movimento de povoadores provenientes do norte, que acompanhou os progressos da Reconquista, tem de opor-se outra corrente, de sentido contrário, com gente originária do sul — Cristãos que viveram debaixo do domínio sarraceno ou provenientes de lugares ainda sujeitos a ele e até Mouros, preados e reduzidos à condição servil com as razias da Reconquista: portanto Moçárabes e Muladies (renegados) e autênticos Muçulmanos. *Coimbrões*, *Cordoveses*, *Corenses* (de Cória), *Meridãos* (de Mérida), *Santarém*, *Toledanos*, *Moldes* (Muladies), *Sarracenos* e nomes do tipo de *Vilar de Mouros* indicam esta proveniência e ocorrem certo número de vezes na área em estudo: *Moldes* (20) ... *de Mouros* (11), *Coimbra* (10), são os mais frequentes; mas *Córdova* aparece duas vezes, no extremo norte da Galiza e das Astúrias, onde também se encontra duas vezes *Moldes* e uma *Villademoros* — o que indica uma penetração até aos mais remotos lugares dos territórios cristãos. Os restantes topónimos estudados são principalmente nomes de pessoas (de origem religiosa ou indicativos de paternidade, de filiação ou de naturalidade); registam-se, ao todo, 267, particularmente densos na área compreendida nos actuais distritos de Porto, Braga e ainda nos de Aveiro, Viseu e parte do de Vila Real (41 p. 100). Esta densidade, à primeira vista, poderia parecer significativa de um repovoamento mais intenso; mas como ocorre, por um lado, na região mais povoada do país, por outro na de maior disseminação e, portanto, de maior número de lugares, todos os grupos de topónimos que apareçam com certa frequência têm aí sempre larga (ou a mais larga) representação. Dois clars se desenham nitidamente e parecem significativos: as montanhas despovoadas das Astúrias e o planalto entre Salamanca e a fronteira de Portugal, que teria sido, por muito tempo, *terra de ninguém*, tardiamente repovoada quando a estrema com os domínios sarracenos já estava longe e haveria diminuído o afluxo da corrente de gente daquela origem.

⁽¹⁾ PEDRO CUNHA SERRA, *Contribuição Topo-Antroponímica para o Estudo do Povoamento do Noroeste Peninsular* (Publicações do Centro de Estudos Filológicos), Lisboa, 1967, 158 pp.

Documentos dos séculos IX a XII referem a existência de Mouros de condição servil, nas Astúrias (6 vezes), na Galiza (7), em Leão (11), em Portugal (16); nos séculos XII e XIII, acompanhando a transformação dos escravos em servos e destes em homens livres, são correntes notícias de Mouros entre a população dos concelhos e gozando das respectivas regalias; é muito sugestiva a hipótese do autor da influência do direito muçulmano na remição do escravo mediante contrato, pagando a respectiva quantia por uma só vez ou a prestações. Na «estremadura» oscilante das duas civilizações, os negociantes que acorriam às feiras, os roubos feitos na terra alheia, os *alfaqueques*, que se ocupavam da remição de cativos (cujo nome árabe é bem significativo), os *moçárabês* e *enaciados* ou *tornadiços* (todos presentes na toponímia) facilitavam estes contactos e explicam particularmente bem as formas híbridas, tanto de nomes de pessoas como de lugares, que algumas vezes ocorrem.

Por um processo muito comum através de toda a toponímia portuguesa em áreas de povoamento *recente* (em relação a determinada época), muitos pequenos locais de habitação tomaram o nome das pessoas que os fundaram ou desenvolveram. Assim, o Noroeste peninsular mostra-nos, a par dos *nomes de presúria*, de origem germânica, que indicam a apropriação de lugares consecutiva à Reconquista, largamente preponderantes, alguns nomes de origem arábica que correspondem, provavelmente, a formações «insensíveis» (como lhes chamou LEITE DE VASCONCELLOS) de casais, quintas, lugarejos, de que, ao depois, alguns viriam a desenvolver-se: um dos exemplos de método do autor ilustra o processo — *Fafe*, Braga, abonado só a partir de 1647, assenta nas formas *Halaf*, *Falafe*, nomes de pessoas registados em documentos portugueses entre 1016 e 1127; seis a sete séculos decorreram para que o casal que tomou o nome de um mouro ou moçárabe se transformasse em povoação referida como tal. O que indica um povoamento *plástico* que se insinua, mesmo em áreas densamente povoadas, entre as terras antigas, das quais umas conservaram os nomes (latinos ou anteriores), outras mudaram-no, trocando-o pelo dos *presores*.

A toponímia arábica do Noroeste indica um afluxo modesto de povoadores numa região onde só se falavam os dialectos romances; por isso ela está apenas representada pelos nomes próprios que eles trouxeram. A toponímia árabe do Sul tem outra fisionomia: além de mais densa, compreende, como o vocabulário comum da mesma origem, grande variedade de sentidos: «osmose», sem dúvida no Noroeste, mas não o recobrimento de civilização e a abundância dos seus vestígios característicos das áreas profundamente arabizadas; nele se funda uma das mais vigorosas oposições regionais na Península Ibérica.